

teatroviriato

STABAT
MATER



© André Cherri

07
MAIO'21

sex 21h00

PALESTRA
PERFORMATIVA

Transmissão
no SubPalco

STABAT MATER

JANAINA LEITE (BRASIL)

PARCERIA **FITEI**

100 min.

m/ 18 anos (cenas de sexo explícito, nudez e violência)

Conceção, direção e dramaturgia

Janaina Leite

Performance Janaina Leite, Amália Fontes Leite e Priapo

Operação de luz Jennifer Santini

Preparação vocal Flavia Maria

Assistente geral Luiza Moreira Salles

Conceção audiovisual e roteiro Janaina Leite e Lillah Hallah

Direção de fotografia Wilssa Esser

Participação em vídeo Alex Ferraz, Hisak, Jota, Kaka Boy, Mike e Samuray Farias

Projeções Juliana Piesco

Fotos e registo de vídeo André Cherrí

Participações especiais

Lucas Asseituno (Priapo amador)

e Loupan (Priapo profissional)

Dramaturgia e assistência de direção Lara Duarte e Ramilla Souza

Colaboração dramaturgia Lillah Hallah

Direção de arte, cenário e figurino Melina Schleder

Iluminação Paula Hemsí

Vídeo-instalação e edição Laiza Dantas

Direção de produção Carla Estefan

Difusão e produção Internacional Metropolitana Gestão Cultural

DO REAL DOCUMENTAL AO REAL OBSCENO

POR JANAINA LEITE

[A autora escreve em português do Brasil]

O que eu posso dizer, em primeiro lugar, é que nesses já mais de dez anos nos quais enveredei pela pesquisa sobre o documental e o autobiográfico no teatro, eu nunca quis fazer uma peça sobre a “minha vida”. O problema foi que, quando isso se deu, é que não havia como não fazer. São trabalhos que nascem da pressão das marcas, de sua violência, sua urgência, a necessidade de criar um novo corpo para responder à essas marcas, marcas que me obrigaram a pensar, parafraseando Suely Rolnik. Fazer uma “peça de teatro” é, claro, sempre uma escolha. Mas lidar com os conteúdos psíquicos que se manifestaram nesses processos era uma exigência que, do contrário, seu recalque ou forclusão¹ só poderiam ter por consequência a expressão em sua via sintomática. Escolhi a expressão artística. E, como a inteligência vem depois, como dizia Proust, o que se segue a partir do confronto com as marcas, do deixar-me estranhar por elas, é uma afluência entre arte e vida, teoria e estética, indissociáveis.

A “mãe” forcluída

O espetáculo “Conversas com meu pai” investiga memórias incestuosas que em sua indiscernibilidade entre lembrança e sonho terminam por criar uma trama discursiva labiríntica na qual o próprio narrador – eu, Janaina – termina por se perder. Focada exclusivamente, insistentemente, obsessivamente na figura do pai, na relação com o pai, é apenas depois de concluída essa jornada de anos, com o espetáculo estreado, e meu segundo filho nascido, que passei a me perguntar “onde estava a minha mãe, a Mãe, durante esses anos todos?”. Onde ela se posicionava nesse conjunto de imagens produzidos por mim sobre essa relação pai e filha?

“Não é a minha mãe” é a frase síntese de Freud para a denegação. O ponto de recusa e omissão, pareceram apontar para algo que estava forcluído. Justamente, no apagar tão descarado da figura da mãe, encontrei, em todo o longo processo de “Conversas com meu pai”, um estranho e inquietante ponto cego. Um ponto cego que apontava para o lugar do feminino em mim e, descobri, não só. Mas de uma fusão entre o feminino e o maternal que é um dos pilares da construção e demarcação de gênero no Ocidente.

Essa espécie de insight biográfico deu origem a três investigações que envolveram quase cem artistas: “Feminino abjeto 1” (2017), “Feminino Abjeto 2 – O vórtice do masculino” (2018) e “Stabat Mater” (2019). Olhar para a mãe e o feminino, abriu as portas para um dos conceitos mais instigantes que encontrei até aqui, a abjeção, formulado por Julia Kristeva a partir do pensamento de Melanie Klein.

Apesar do senso comum que alia o abjeto ao “repulsivo”, o conceito mapeado por Kristeva em seu livro “Os poderes do horror” diz respeito a tensão dentro/fora, ou melhor, a uma dimensão fronteira já que, sem se tornar nunca um objeto (configurado pela oposição eu/outro) o abjeto remonta a uma crise narcísica que nos é fundante.

Stabat Mater – em busca do real obsceno

Como em um ato falho, essa mãe que passou despercebida em “Conversas com meu pai”, é agora retomada e tornada central nessas experiências, especialmente, em “Stabat Mater”. Onde estava a mãe? é a pergunta que é indiretamente respondida através da Virgem Maria e o stabat mater – ou “a mãe lá estava” – referência ao poema do século XII que consagrou o tema de Maria aos pés do filho padecendo na cruz. “Stabat Mater” é também o nome do artigo de Julia Kristeva de 1986 em que a filósofa e psicanalista búlgaro-francesa defende que Maria, essa mulher que deu à luz “sem prazer e sem pecado”, fecundada enquanto dormia, tornou-se o protótipo para a construção no ocidente de um feminino que se dá entre a santa e a caída, entre a abnegação e o masoquismo.

Em uma totalidade ideal que nenhuma mulher singular poderia encarnar, a representação de Maria, ao longo dos séculos, vai assimilando as qualidades da mulher desejada e da Santa Mãe que se tornou o centro do amor cortês no século XIII. Não à toa, encontramos o poema “Stabat Mater” na versão dolorosa (a sofredora) e na versão speciosa (a bela). É ainda mais inacessível quanto mais humana ao tornar-se “amarra da humanização” do Ocidente mostrando-se pobre e humilde, ajoelhada diante de seu filho divino. Nessa imagem que Simone de Beauvoir viu uma derrota feminina, Kristeva vê o ideal final pois que se trata de uma mãe totalmente carnal e humana, capaz de doação e abnegação infinitas. Se de um lado, essa imagem está na base das teorias do masoquismo feminino, por outro, dá a ver a contrapartida de gratificação e gozo, de forma que “a cabeça baixa da mãe diante do filho não exclui o orgulho incomensurável daquela que se sabe também esposa e filha. Sabe-se voltada a essa eternidade (espiritual ou da espécie) que nenhuma mãe inconscientemente ignora, e em comparação com a qual a devoção e até o sacrifício materno são apenas um preço irrisório a pagar.” (KRISTEVA, 1986)

No espetáculo, a dramaturgia evolui construindo a figura dessa mater abnegada como aquela, não só passiva, inerte, mas que, ativamente, se oferece, se doa, e que parece realizar essa espécie de destino, ao permitir o uso incondicional, irrestrito, desse corpo-feito-para-o-outro. O outro o filho, o outro o homem.

A partir dessa tese, a peça parte de um jogo de dramatização ou psicodramatização de memórias e sonhos, além do material teórico de uma suposta palestra, para investigar o tropo do corpo da mulher como recetáculo. Seja nos contos de fada em que a princesa é visitada pelo príncipe, ou ainda, nos filmes de terror, por monstros e demônios, a imagem de um corpo inerte, de uma mulher que dorme, é um lugar-comum da mitologia à cultura de massa.

No trânsito do racional ao sonho, do real ao mítico, duas referências fundamentais ofereceram as bases estéticas do trabalho: o terror e a pornografia, justamente pela excessiva proximidade com o “semiótico” em que se colocam. Territórios nos quais a linguagem explode, deixando, literalmente, ver suas entranhas. Nesse momento, fica evidente de que, agora, o real que eu buscava era menos o “assunto”, mas um real que tensionasse o simbólico até seu esgarçamento. Um real enquanto excesso, enquanto trauma.

Kristeva nos oferece uma outra possibilidade para pensar a degradação do corpo feminino na cultura de massa para além das teorias do male gaze. A imagem do corpo da mulher que, além, especialmente, aparece aberto, exposto, vasculhado em seus buracos, suas vísceras, funcionaria como uma espécie de lembrete do tempo gasto no estado indiferenciado do semiótico, onde não se tem noção de si ou identidade. Depois de abjetar essa mãe primordial, os sujeitos mantêm uma fascinação inconsciente com o semiótico, desejando se reunir com a mãe ao mesmo tempo que temem a perda da própria identidade. Fascínio e horror; o ventre como paraíso e como tumba. Os filmes de terror proporcionam, dessa forma, uma maneira da audiência reencenar com segurança o processo de abjeção, expulsando e destruindo a figura materna. Os slashers e sua evidente investida fálica através de facões e motosserras, sob essa ótica, são vingadores, lutando contra o medo da dependência. Quem se interessa pela lógica dos serial killers vai identificar esse mesmo traço misógino fundado na reação contra um feminino onipotente que tem na mãe a primeira matriz. Dessa reflexão em relação ao terror, foi um pequeno passo até a pornografia que segue uma lógica bastante semelhante.

Além de dividir a cena com minha mãe real Amália Fontes Leite sustentando as camadas biográficas, romancesca secular, dimensão mítica, imaginei, para compor o tripo do “romance familiar”, uma figura que responde na peça por “Priapo” e que deveria ser performada por um ator pornô. Pai, príncipe encenado, slasher, figura sempre mascarada, oscilando entre algo de sedutor, mas também ameaçador.

No vídeo, camada fundamental da encenação, acompanhamos todo o processo de casting para a escolha do ator pornô que faria Priapo assim como as curiosas reações à pergunta lançada aos profissionais à queimadura: “você aceitaria fazer uma cena de sexo comigo dirigido pela minha mãe?”

Esse mote provocador fez de “Stabat Mater” também um programa performativo em si pois que se tratou de um processo que se deu no desconhecido desse enunciado e sujeito à experiência que seria essa aproximação com a pornografia, somada à presença da minha mãe no trabalho.

Hoje, entendo que a presença dela, lá, foi o passo mais arriscado de todos – a verdadeira parresia do processo. Teria certamente muito a dizer ainda sobre essa minha incursão no universo da pornografia – questões que permanecem em aberto e que deixaram pistas para uma nova investigação que por agora batizei de “Ensaio Escopofílico para uma História do Olho”. Mas fato é que a Virgem Maria nos conta que sexo e maternidade caminham separados há dois mil anos (ou ainda, completamente imbrincados através do mecanismo do recalque e denegação!). E unir, no mesmo espaço, a minha mãe, a minha maternidade e todo o imaginário violentamente erótico que atravessa o trabalho e suas consequências reais na minha vida e na peça, foi algo para o qual não havia mesmo como me preparar. Era no risco.

Para além do sentido óbvio do “obsceno”, comentei ligado ao sexual, o que me atraiu primeiramente nessa ideia tem a ver com a etimologia que se refere a um fora da cena. O pesquisador e crítico Luiz Fernando Ramos ao falar sobre “Stabat Mater” sublinhou o seu caráter de ser um “entre espetáculo, palestra e performance, ou sessão terapêutica coletiva, já não importando mesmo a classificação que se lhe aponha”. Nessa borda entre arte e vida, no jogo de cena entre o efeito e o risco, retórica e parresia, entre o hiper encenado e esse algo diante do qual é possível perguntar-se “isso ainda é arte?”, me parece que é aí que o trabalho procurou se instalar e onde moram minhas curiosidades e perspectivas de continuidade.

Ao mesmo tempo que isso parece apontar para uma zona de colapso do que entendemos como “teatral”, me pergunto se não é exatamente disso que se trata enquanto busca estética. Afinal, como nos provoca Angélica Liddell, “quem ousa dizer o que é o teatro?”

NA PRÓXIMA SEMANA, JANAINA LEITE CONTINUA CONNOSCO COM “CAMMING”.

13 MAI

CAMMING 1x1

qui 19h00 às 01h30

20 min. | m/ 18 anos

Online via zoom 1 pessoa/ sessão

preço único 5€

// descontos não aplicáveis

14 MAI

CAMMING - 101 NOITES

sex 22h00

70 min. | m/ 18 anos

Palestra performance Online via zoom

preço único 5€

// descontos não aplicáveis

A partir da obra “História do Olho”, de Georges Bataille, em “Camming”, Janaina Leite procura investigar alguns temas que podem ser discutidos através da pornografia, como a sexualidade, o erotismo e as representações de gênero. A artista interessa-se sobretudo pelas provocações que a pornografia traz à estética, nomeadamente, o colapso de pares dicotômicos, como arte/não arte, sexo simulado/sexo real, atuação/performance, fruição estética/interesse lascivo, contemplação/consumo masturbatório, ficção/documento, metáfora/literalidade.

JANAINA LEITE

É atriz, encenadora e dramaturga. É uma das fundadoras do premiado Grupo XIX de Teatro de São Paulo, com quem criou diversos espetáculos premiados que circularam por todo o país e no exterior.

Em paralelo à trajetória com o Grupo, concebeu os espetáculos “Festa de Separação: um documentário cênico”, “Conversas com meu Pai”, “Stabat Mater” e lançou o livro “Autoescrituras performativas: do diário à cena”, pela Editora Perspectiva, consolidando a sua pesquisa sobre autobiografia e o documentário no teatro. Lançou também pela editora Javali a publicação com a dramaturgia de seus dois últimos espetáculos “Conversas com meu Pai” (texto de Alexandre Dal Farra) e “Stabat Mater”.

Idealizou e orientou diversos grupos de pesquisa, dentre eles “Feminino Abjeto 1”; “Feminino abjeto 2 - O vórtice do masculino”, fundamentais laboratórios para a criação de “Stabat Mater”.



DE MÃOS DADAS COM O TEATRO DE EXPRESSÃO IBÉRICA

Em 2021, no Teatro Viriato procuramos o encontro através do trabalho em parceria. Por um lado, mantemos os parceiros de longa data, por outro estendemos as mãos a outros projetos e estruturas que há muito deram provas da sua qualidade na promoção das artes performativas.

O *FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica* – é um desses projetos que queremos por perto, e este ano assim será, através de uma nova parceria que agora se inicia.

Em 2021, dessa parceria nasce uma programação conjunta, que será apresentada no âmbito do festival, mas também na nossa sala de espetáculos e nas plataformas digitais. Uma programação que nos convida a viajar até ao outro lado do Atlântico, a fazer intercâmbios culturais e dar a conhecer a ambos os públicos artistas de referência dos dois lados do Atlântico.

Depois das apresentações de “Estado Vegetal”, de Manuela Infante, e do projeto “Noite Fora: Leitura e Conversas sobre Teatro”, acolhemos a apresentação de “Stabat Mater” da encenadora, dramaturga e atriz brasileira Janaina Leite. Uma palestra-performance que aprofunda a sua investigação sobre o real em palco, agora sob a luz do obscuro, onde aborda o feminino ao longo dos séculos. “Stabat Mater”, construído a partir dos textos da filósofa e psicanalista Julia Kristeva, relaciona temas historicamente inconciliáveis, como a maternidade e a sexualidade. A programação conjunta do Teatro Viriato e do *FITEI* termina com a conferência “A Minha História da Dança”, da coreógrafa Sónia Baptista. “A Minha História da Dança” é um projeto criado em 2011 pelas estruturas Forum Dança e O Rumo do Fumo e consiste num ciclo de conferências em que cada artista é convidado a falar sobre a sua história da dança, a partilhar o seu percurso e as referências que influenciaram o seu trabalho.

PROGRAMA || EM PARCERIA COM FITEI

01 MAI sáb 18h00 // Online no SubPalco

ESTADO VEGETAL

de MANUELA INFANTE (CHILE)

05 MAI qua 19h30 // Sala de Espetáculos e Online no SubPalco

NOITE FORA:

LEITURA E CONVERSAS SOBRE TEATRO

coordenação SÓNIA BARBOSA (Artista Associada) | artista convidada JANAINA LEITE (BRASIL)

07 MAI sex 21h00 // Online no SubPalco

STABAT MATER

de JANAINA LEITE (BRASIL)

12 MAI qua 19h30 // Sala de Espetáculos e Online no SubPalco

A MINHA HISTÓRIA DA DANÇA

SÓNIA BAPTISTA

Vivace Dão · Quinta do Perdigão • **Andante** Seridois • **Adágio** Ana Cristina Santos Almeida • Ana Maria Albuquerque Sousa • Ana Paula Ramos Rebelo • Centro de Saúde Familiar de Viseu, Lda. • Conceição e Ricardo Brazete • Eduardo Melo e Ana Andrade • Fernando Gomes Morais • Fernando Poças Figueiredo e Maria Adelaide Poças • Isabel Pais e António Cabral Costa • Isaías Gomes Pinto • Joana Santareno Ferreira • João José da Fonseca e Maria José Agra Regala da Fonseca • José Luís Abrantes • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Maria de Fátima Ferreira • Maria de Lurdes Poças • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João Obrist • Nanja Kroon • Paula Costa • Paula Cristina Cardoso • Paula Nelas • Renato Lopes e Margarida Leitão • **Júnior** Beatriz Afonso Delgado • Gaspar Gomes • E outros que optaram pelo anonimato.

MECENAS



APOIO



APOIO À DIVULGAÇÃO



Patrícia Portela *Direção Artística* • Sandra Correia *Direção Administrativa e Financeira* • Maria João Rochete *Adjunta de Direção* • Carlos Fernandes *Coordenação de Produção* • Gi da Conceição *Produção* • Paulo Matos *Coordenação Técnica* • Nelson Almeida e João Rodrigues *Técnicos de Palco* • Ana Filipa Rodrigues e Liliana Rodrigues *Comunicação e Imprensa* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Coordenadora de Frente de Casa e Bilheteira* • Susana Cardoso *Assistente de Bilheteira e Comunicação* • **Consultores** Maria de Assis Swinnerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Eletricidade* • Contraponto *Contabilidade* • José António Pinto *Encarregado da Proteção de Dados* • Info Things *Informática* • Carlos Fernandes e Raquel Balsa *Fotografia de Espetáculo* • **Colaboração Especial** José Fernandes • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Catarina Loureiro, Filipa Antunes, Francisco Pereira, Joana Silva, João Almeida, José Vaz, Leonor Esteves, Luís Sousa, Natália Rodrigues, Roberto Terra, Ricardo Meireles e Sandra Amaral

